

Ó rapazes não façam ondas!...

Pretende-se evitar a extensão do escândalo do Banco de Angola e Metrópole para que não sejam atingidos altos vultos da política. As ondulações da infecta lama dêste escândalo formidável erguem-se ameaçadoras para o prestígio de criaturas que gozam da confiança do regime.

Conta-se a propósito uma história em que o Diabo, fazendo de juiz, dita uma sentença original—Um inocente inventor de águas minerais passando um mau bocado—Um plano tenebroso para abafar a verdade.

Para não machucar o leitor, iniciamos hoje a apreciação do escândalo do Banco de Angola e Metrópole—o maior de todos os escândalos—relatando uma história picaresca e simbólica que por aí corre já de boca em boca, de café em café. Uma parte da história não é muito própria para vir em letra redonda—cheira mal. Mas o escândalo das notas de quinhentos escudos também fede e nós não temos outro remédio senão mexer-lhe...

Conta-se que o José Bandeira e o Alves Reis foram à presença do Diabo que apareceu e julgou suas culpas. Depois de escutá-los atentamente, sentenciou:

—Vocês praticaram um crime, vão ser castigados. De dois castigos têm de escolher um: serem lançados numa caldeira de peixe fervente ou numa caldeira de dejectos humanos...

Acabrunhados, os reus escutaram a sentença. Tinham de escolher. E, por uns restos de brio que lhes ficaram, escolheram heroicamente:

—Queremos ser lançados na caldeira de peixe a ferver—disseram a um tempo.

Silencioso e sorridente, o Diabo conduziu-os através de longos corredores sombrios até ao recinto onde estava a caldeira da tortura.

Em face do peixe que borbulhava fumegante, Alves Reis e José Bandeira estremeçaram horrorizados, sentiram-se abater, a coragem faltou-lhes. E murmuraram:

—Senhor Diabo, enganamo-nos. Preferimos ir para a outra caldeira, a dos dejectos.

—Cobardes!—exclamou o Diabo.

E depois de muito instado, condescendeu em levá-los para a outra caldeira, a de fétida tortura.

Quando chegaram, os condenados viram já dentro da caldeira, com lama nauseabunda até ao pescoço, os homens dos Transportes Marítimos, das mercadorias ex-alemas, do escândalo dos 50 milhões de dólares, da Exposição do Rio de Janeiro e outros.

Temendo que o demónio se arrependesse e os levasse para a tortura do peixe, Alves Reis e José Bandeira precipitaram-se pelas escadas que os conduzião lá baixo, à lama viscosa. Mas nesse momento, lá do fundo, uma voz suplicou:

—Ó rapazes! Entrem devagar... não façam ondas...

E' o que neste momento a imprensa, a política e a própria polícia estão suplicando:

—Ó rapazes! Não façam ondas!...

Os salpicos de lama atingem criaturas altamente cotadas

Mas as ondas agitam-se e a lama da diabólica caldeira já atingiu muita gente altamente colocada. Eis, por exemplo, um caso de salpicos repugnantes que tocaram as faces de Inocêncio Camacho. Transcrevemo-lo do *Diário de Notícias*:

«*Ontem à noite, na presença dos representantes da casa Waterlow & Sons, foi novamente interrogado Alves dos Reis, que declarou não saber quem fôra a pessoa que tratara do contrato entre a casa Waterlow e o Banco de Portugal.*

Sendo-lhe perguntado quem lhe entregara o contrato, declarou que tinha sido o sr. Inocêncio Camacho, estando esse documento assinado pelo então ministro das Finanças e pelos srs. Daniel Rodrigues, Inocêncio Camacho e Delfim Costa.

O *Diário de Notícias*, que tanto se tem empenhado em acalmar as «ondas» pastosas, nojentas, dêste escândalo formidável, não reparou neste pormenor. Deixou-o escapar no meio do seu noticiário. A esta hora deve estar bastante arrependido...

O público cada vez mais se convence de que Inocêncio Camacho, antigo farmacêutico e inventor de águas minerais, se não está até ao pescoço mergulhado na caldeira diabólica, tem pelo menos lá metidas aquelas mãos que preparavam a química composição que misturava na água do poço da sua quinta de Monte Bânção, em Colares.

A fétida ondulação ergue-se ameaçadora

Parece-nos ser demasiado tarde para evitar a ondulação ameaçadora da lama impelida pelo sopro forte da Verdade.

Ainda anteontem no parlamento o dr. Amâncio de Alpoim fez alçar a ondulação fétida, confirmando, embora não a profundando tanto como nós no nosso artigo de ontem, esta escandalosa questão. Aquele deputado poz o dedo na ferida. Para ele também não existem dúvidas acerca das responsabilidades do Banco de Portugal. Do insuspeito *Notícias* que não quer

que se «façam ondas» transcrevemos algumas passagens do seu discurso:

«Ele, orador, encontrando-se com um funcionário da polícia, interrogou-o sobre o assunto. Respondeu-lhe aquele:

—Não perguntes quem falsificou as notas, que não te responderão».

Julga que, dizendo isto, não há inconfidência, porque os jornais publicaram já até esta frase do dr. sr. Pinto de Magalhães: «Há traidores em Portugal!»

Assim, a opinião da polícia é bem conhecida. O orador fez então o elogio de Pinto de Magalhães, lembrando a sua acção nos lucros ilícitos.

E continuou:

—No dia seguinte à descoberta das notas falsas, o Banco de Portugal abre o seu «guichet» para o infinito, a pagar as notas falsas. E alguns grandes órgãos da imprensa desfazem-se então em elogios ao patriotismo do Banco. E afirmavam: «E' preciso salvar o baluarte do crédito nacional!»

Fez depois o confronto do procedimento do Banco quanto ao pagamento das notas falsas de 500 000 e das cédulas de 10 e 20, para salientar que não foi o governo que autorizou a troca daquelas notas.

Já nessa altura se sabia, e o Banco o confirmou depois, que pagava por conta própria. Foi o mesmo sem autorização do respectivo Conselho de Administração.

E as pessoas de bom senso imediatamente compreenderam a situação e gritou-se: — «Aqui há gato!»

Mais uma onda:

«Notou depois o facto de o Banco de Portugal, desde há muito, não publicar os balancetes semanais da circulação fiduciária, como devia.

E continuou depois:

—Enquanto as pessoas de cabeça faziam estas cogitações, o sr. Pinto de Magalhães prendia os srs. Inocêncio Camacho e Mota Gomes, directores daquele Banco. O governo solta-os e demite aquele funcionário; depois, o governo readmite-o; e, ainda depois, o governo demite-se.

Entretanto, fatal como o destino, navega para Lisboa o representante da casa Waterlow. Chega, e entra-se no 2.º acto da

tragédia. As notas não são falsas. Elas são feitas pela seriíssima casa Waterlow, que possui documentos-cópias. Esses documentos justificam a emissão dessas notas, pois que aquela casa os considerou legítimos. Há «démarches» junto das instâncias oficiais portuguesas em Londres. E, então, apura-se que aqueles documentos são todos falsos».

São falsos... São falsos para evitar a ondulação da caldeira do demónio que se vai transformando num verdadeiro oceano de infectas abjecções.

Um plano tenebroso para evitar a extensão do escândalo

Não duvides, leitor. Movem-se altas influências para abafar o escândalo, para apaziguar as ondas desta vergonhosa negociação dos quinhentos escudos de «Vasco da Gama». Há na sombra tenebrosos planos. Não querem que os burlões do Angola e Metrópole falem, porque eles devem ter revelações formidáveis a fazer—que irão comprometer muita gente. Eles podem arrastar muita gente na sua queda.

Correu com insistência o boato de que pretendiam matar Alves Reis, dentro da própria esquadra onde se encontra. Sabe-se a facilidade, a impunidade com que em Portugal a polícia liquida os presos. Ao que parece, informado dêste tenebroso plano pelo dr. Pinto de Magalhães, o sr. Ferreira do Amaral correu à esquadra e responsabilizou o chefe pela vida do preso. E simpático este gesto, sendo pena que ele não tivesse ocorrido noutras ocasiões, como nos Olivaes, por exemplo, para evitar repugnantes assassinatos que ainda hoje não se apagaram da memória do povo.

A ser verdadeiro o boato, alguém pensou em sacrificar a vida de um burlão para salvar qualquer inocência maculada neste negócio secreto que vimos apreciando.

O escândalo foi demasiado longo, os seus *bas-fonds* estão a descoberto. Pretende-se agora a todo o transe evitar que sejam levados ao banco dos reus, ao lado dos burlões, os homens cujo descrédito acarretaria o descrédito dêste regime crapuloso já tão desacreditado.

A atitude da imprensa, do próprio *Século* que mexeu na porcaria, traduz-se pelo simbólico grito alfitivo que, da infernal caldeira, um atascado simbolicamente soltou:

—Ó rapazes, não façam ondas!...

A LEI DO INQUILINATO

Foi prorrogado o praso da sua aplicação, não podendo, portanto, ser aumentadas as actuais rendas de casas

A Câmara dos Deputados aprovou ontem um projecto que prorroga até 31 de Dezembro de 1926 as restrições à lei do inquilinato. Quere dizer: o Parlamento resolveu conservar em exercício mais um ano a lei de autoria do senador dr. sr. Catão de Menezes, actualmente em vigor.

O perigo que impedia sobre o inquilinato de ser cercado do direito de habitação, afastou-se por algum tempo.

Embora pese muito aos senhores que se esforcaram por fazer caducar este ano a lei 1662, os contratos de arrendamento terão validade até ao fim do próximo ano, não podendo ser elevadas as rendas das casas, nem esbulhados os inquilinos dos direitos que a lei lhes confere.

A-pesar da terminante resolução da Câmara dos Deputados não duvidamos que apareçam no próximo mês senhores exigindo aos inquilinos aumento de rendas, como não é para estranhar que surjam amanhã inquilinos que, a pretextos vários, vão impor aos seus hóspedes novos encargos para poderem permanecer nas actuais habitações.

Não duvidamos porque a prorrogação do praso para a aplicação da lei 1662 não veio melhorar o problema do inquilinato. apenas evitou que ele se agravasse.

Especialmente no que concerne à situação dos hóspedes, perdurará ainda por algum tempo as anomalias a que temos feito copiosa menção. Os hóspedes continuarão à merce das ambições dos seus senhores—os inquilinos—por vezes mais algeos do que os primeiros, por vezes mais ambiciosos do que aqueles. A par desta emergência existe a crise de habitação que faz comprimi-

mir em pequenas habitações duas e tres famílias, numa promiscuidade revoltante que se reflecte grandemente na educação das respectivas proles.

Por muito que nos possa satisfazer a medida da Câmara dos Deputados, ela não evitará que nós todos os dias tenhamos que fazer passar em fugitivas pinceladas o quadro triste da situação dos hóspedes, muitos deles com uma vida perfeitamente sedentária.

A solução, a grande solução do problema não a pode comportar a sociedade burguesa—a abolição da propriedade privada.

Todavia o que ela pode comportar é a aplicação inteligente de algumas medidas, como sejam a conclusão dos bairros em construção e o arrendamento, por preços acessíveis às condições do operariado, das suas dependências.

Só assim se poderia atenuar um pouco a situação verdadeiramente angustiosa dessas centenas de famílias—que dizemol!—dêsses milhares de famílias vivendo em habitações impróprias onde não entra a mais pequena nesga de sol, onde não há o mais leve esboço de alegria!

O problema do inquilinato—repetimos—continua insolúvel e os inquilinos à mercê de toda a espécie de percalços, desde o aumento das rendas até à violenta expulsão das moradias.

Com a perduração da lei Catão de Menezes algumas pequenas garantias existem, como seja a não permissão do aumento de rendas e o não consentimento dum inquilino ser esbulhado duma habitação, quando tenha as suas rendas em dia.

E' ao abrigo dessas garantias que

Os funerais de Pablo Iglesias

Duzentas mil pessoas de todas as classes sociais desfilarão perante a sepultura do grande chefe socialista

Madrid, 15 de Novembro. — Pablo Iglesias teve honras nacionais, quando foi a enterrar. E os funerais do grande-socialista tiveram o elemento oficial e o elemento popular a empenhar-lhe a importância. Cinquenta coches enlutados se perfilavam, cobertos de milhares de coroas, desde a casa de Pablo Iglesias, pelas ruas próximas. Cinco militantes do partido socialista levaram aos ombros, desde o salão mortuário, até ao carro fúnebre, o caixão que encerrava os misérsimos restos de uma grande figura.

Do cortejo fizeram parte todas as classes sociais. Não faltaram vereadores, políticos, generais, académicos, sábios, ex-ministros, jornalistas, ex-deputados, operários e estudantes. Ao lado das agrupações burguesas se faziam representar as agrupações operárias socialistas.

O funeral foi deveras imponente. Mais imponente do que toda a obra do socialista. E não havia já memória, na capital dos reis católicos, de uma manifestação tão grandiosa de sentimento...

Os calculos gerais orçavam por 200.000 as pessoas que viram desfilar ou acompanharam o cadáver de Pablo Iglesias. Havia na multidão um número infinito de mulheres. As janelas apinhavam-se de assistentes. Nenhum incidente perturbou um instante a fúnebre manifestação.

No cemitério, uma grande parte dos manifestantes quis irromper. Os chefes socialistas regularam, porém, a inofensiva vontade da multidão. E no cemitério ingressaram somente as representações das colectividades socialistas, intelectuais e burguesas.

Besteiros, o chefe do partido socialista, pronunciou o elogio fúnebre de Pablo Iglesias. Depois, Besteiros pediu à multidão que desfilara. Durante duas horas uma mole compacta desfilou silenciosa e demoradamente perante a sepultura de Pablo Iglesias, situada muito perto dos tumulos de Pi y Margall e de Carlos Soria.

Ao que parece, o município de Madrid vai erguer à memória do chefe socialista um mausoleu. A última consagração de Pablo Iglesias...

RODOLFO

os inquilinos devem lutar se a tanto forem obrigados, não consentindo prováveis extorsões que lhes pretendam impor.

Notas & Comentários

A porta falsa

A-pesar de toda a gente estar convencida de que os homens do Angola e Metrópole são duma habilidade excepcional, ninguém acreditou que toda a documentação referente à emissão das notas de 500 escudos publicada no *Século* de anteontem fôsse falsificada.

Mas como não convém atingir os altos trunfos que deram as mãos fraternalmente aos burlões—a atoarda da falsificação duma porta por onde eles se hão-de escapar ilesos.

Uma pergunta ingénua

Escreve-nos um «assíduo leitor» perguntando-nos ingenuamente se o julgamento dos implicados no escândalo do Angola e Metrópole também se realizará na Guiné.

Não acreditamos na ingenuidade do «assíduo leitor», mas condescendemos em informar-lhe que o julgamento realizar-se há em Lisboa e os réus se não forem absolvidos serão condenados a uma leve pena, fácil de suportar.

E' preciso que o «assíduo leitor» não esqueça que a burla foi de trezentos mil contos. Inda se fôsse de meia dúzia de tostões...

A negra perspectiva...

A crise ministerial ficou solucionada esta noite. O novo governo será presidido pelo fatídico António Maria da Silva e composto por elementos pertencentes à direita do Partido Democrático.

Teremos, mais um governo das deportações sem julgamento, o que quer dizer que teremos mais um governo de carrascos para quem as liberdades constitucionais são letra morta.

Morreu ou embriagou-se?

BERLIM, 17.—Em consequência dum telegrama recebido pelo «Boersencourier» corre o boato nesta cidade de não ter morrido o pugilista senegalês Betting Siki.

Segundo aquele despacho tratar-se-ia dum pouco vulgar estado de embriaguez que levou Siki à cataplexia.—L

Contra a imprensa

ROMA, 17.—A câmara dos deputados iniciou a discussão do acordo de Washington para o pagamento das dividas de guerra contraídas pela Itália nos Estados Unidos.

O senado aprovou por grande maioria, em escrutínio secreto, a nova lei da imprensa e começou a discutir a proposta do governo de modificar os códigos existentes.—L

CONTRA AS DEPORTAÇÕES

A sessão de ontem foi estorvada pela polícia que depois cercou o edificio da C. G. T. e impediu o serviço de «A Batalha»

Realizou-se ontem, promovida pelo Sindicato dos Impressores Tipográficos, mais uma sessão de protesto contra as deportações e o sequestro pela polícia, nas esquadras, de operários que já foram pronunciados e entregues ao poder judicial.

Um pouco antes do início da sessão e a-pesar do organismo promotor ter recebido do Governo Civil a autorização da praxe, a polícia poz dúvidas em a consentir alegando, entre outras razões pueris, a de que a sessão só poderia efectuar-se na sede própria do Sindicato—esquecendo-se lamentavelmente que os Impressores têm a sua sede no edificio de *A Batalha* e que foi o seu gabinete o que mais sofreu quando do último assalto feito pela polícia que não só fez em cavacos a mobília como roubou o dinheiro.

Depois de algumas conversas telefónicas, conseguiu-se afinal iniciar a sessão.

António Costa, pelo Sindicato dos Impressores, diz que embora este tenha vinculado o seu protesto por várias formas entendeu não dever deixar de protestar realizando uma sessão, porque a manutenção das deportações e as prisões arbitrárias não só é afrontosa para os nossos sentimentos humanitários como para a própria organização operária.

A polícia mantém incalculados arbitrariamente, há longos meses, dezenas de operários contra o espírito das leis e da própria constituição dêste belo regime e pretende sofismar as monstruosidades cometidas, mascarando-as com falsas legalidades que, afinal, são a continuação das arbitrariedades em que os presos têm sido mantidos há longos meses.

Em seguida dá a palavra ao distinto caudilho dr. sr. Mário Monteiro que, com maior proficiência, vai apreciar todos estes factos.

O dr. sr. Mário Monteiro começa por dizer que não vem a esta sessão por amabilidade, mas sim por um dever, dever que é o de todos os presentes, do proletariado, enfim. Depois diz:

—Desejaria que constituísseis uma força capaz de vos antepordes aos desmandos das nulidades que se alancoraram no T. do Paço. Não vos venho falar numa revolução, porque esta está nas vossas mãos.

—Andei visitando os presos por todas as esquadras. Encontrei na do Vale de Santo António, metidos dentro dum saquinho, em água a escorrer das paredes, infecto, sem ar e sem luz, homens que jazem ali naquele antro 6 meses. Deu-se o facto curioso:

O chefe dessa esquadra foi à frente acender uma luz que existia no pátio anexo ao cubículo-prisão.

«São estes crimes que revoltam e a que é preciso pôrmos termo, por uma acção enérgica.

Com energia o dr. Mário Monteiro prossegue:

—No parlamento há indivíduos a quem o povo serve de escada, que descuram os interesses vitais da nação, fazendo da Constituição um farrapo e uma rede política de balcão.

Depois alude aos tribunais de excepção que considera ignominiosos e afirma que as manifestações populares, que quando de defesa própria são proibidas pela polícia, seriam consentidas e até a polícia se incorporaria com os seus cordeões brancos se elas visassem a balar o homem que jurou não consentir na libertação dos operários que às suas ordens estão sequestrados.

Depois cita o artigo 263 do código penal que não permite, nem mesmo para os indivíduos considerados malfieitos, a criação de tribunais de excepção.

Crítica o facto da polícia se ter constituído num poder que se sobrepõe aos 3 poderes basilares da Constituição, chamando a si os presos que de direito pertencem ao poder judicial, negando até aos advogados o direito que a lei consigna de falar com os seus constituintes para preparação dos respectivos processos.

Depois diz:

—Está provado que enquanto se não deu o atentado contra o comandante da polícia a «ordem social» não perigou e nunca a polícia, como agora, levou o seu zelo até ao excesso, até ao crime.

«O operariado tem o direito e até o dever de defender-se, ao abrigo do artigo 37.º da Constituição, que diz:—E' lícito a todos os cidadãos resistir a qualquer ordem que infrinja as garantias constitucionais, se estas não estiverem legalmente suspensas.

O dr. sr. Mário Monteiro termina afirmando:

—Estamos, pois, em regime de abuso do poder por parte da polícia.

A numerosa assembleia sublinhou com aplausos as últimas palavras do orador. Usa em seguida da palavra o nosso camarada Alexandre de Assis, delegado da C. S. T. Mai ele tinha iniciado um discurso, comparando os tempos actuais com aqueles em que foi promulgada a famigerada lei de 13 de Fevereiro, e a acção então desenvol-

TEATRO S. CARLOS
O PRINCEPE JOÃO
HOJE às 9 h 1/4 da noite
Espectáculo sensacional
Admiráveis criações de
LUCÍLIA SIMÕES e SAMUEL DINIZ

vida pelos que hoje tiram o povo que então com hipocrisia diziam querer defender, alguém avisa a mesa que contra a sede avançada apressadamente um piquete de polícia a fim de dissolver a sessão.

O presidente procedeu imediatamente à leitura do seguinte documento:
"Os trabalhadores, reunidos em sessão promovida pelo Sindicato dos Impressores Tipográficos, afirmam a sua solidariedade com a moção aprovada em sessão de 26 de Novembro contra as deportações e prisões arbitrárias de operários possivelmente inocentes, mas que, se culpados fossem, nunca os seus delitos poderiam ser comparados aos crimes monstruosos cometidos pelos *escrotes* da alta sociedade conluídos com os dirigentes do país."

A falta assistência aprovou com brados indignados de protesto o documento e debandou.

Logo após uma força de polícia invadiu a casa, fardando todos os cantos em busca da sessão. Como nada encontrasse ordenou a saída de todos os operários do edifício e pôs-se a fazer o levantamento de todos os indivíduos em serviço de informação para a Batalha.

Esta guarda de honra que não requisitamos, antes pelo contrário, mantive-se por algum tempo, o bastante para nos vermos a trabalhar, pois nem sequer, por via dela, conseguimos haver o nosso serviço telegráfico da noite; e aqui continuaram hirtos e furibundos como os guardas de Pompeia se pelo telefone não tivéssemos feito sentir ao tenente sr. Lopes Soares o absurdo de tal medida.

Já não protestamos; apenas registamos a liberdade de reunião, de associação e de livre exercício da imprensa que a Constituição consigna, e hoje regulada, ou antes, banidos, por um poder «que mais alto se levanta», o 4.º poder, o policial, como há pouco dizia no parlamento o deputado monárquico sr. António Cabral.

Em que conta querará o sr. governador civil que tenhamos de futuro os seus compromissos?

Comissão Pró-Regresso dos Deportados

Reuniu ontem, extraordinariamente, para se ocupar dum assunto de grande importância que se prende com a manifestação ao parlamento a realizar na próxima segunda-feira, resolvendo devido à gravidade do assunto não tomar deliberações sem ouvir o Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho.

Esta comissão aproveitou a ocasião para manifestar mais uma vez o seu protesto contra uma nova arbitrariedade:

A sessão de ontem dos impressores tipográficos foi, depois de falar o dr. Mário Monteiro, violentamente impedida de continuar, sendo os assistentes obrigados a sair imediatamente e estando, durante bastante tempo, a sede da C. G. T. vigiada pela polícia.

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados que tem procurado, dentro da chamada legalidade, cumprir com a sua missão, protesta contra todas estas violências, que longe de atingirem a organização operária nos seus objectivos, quanto a deportados atinge em cheio o regime que as consente.

Liga dos Amigos dos Hospitais

A Liga dos Amigos dos Hospitais recebeu ultimamente os seguintes donativos: Sociedade Industrial Farmacêutica, 22 bólas para jogo; Sociedade Francisco Pinto Balsemão, Ltd., 2 cobertores fabrico especial; uma anónima, 100\$00; para o Natal das crianças dos hospitais; do benemérito Ognolgora 400\$00 para o Natal dos pobres dos Hospitais.

Bolsa de Trabalho e de Solidariedade da Construção Civil

Em conformidade com as resoluções tomadas na assembleia geral do Sindicato Único da Construção Civil, efectuada em 16 do corrente, previnem-se todos os operários sem trabalho de que deverão ao parecer, para efeito de colocação, das 9 às 11, pois que não mais serão feitas convocações nos jornais para esse efeito.

A inscrição dos operários será feita mediante a apresentação da sua caderneta sindical em dia e que tenham, pelo menos, três meses de associados.

Para resolver vários assuntos que se prendam com a crise de trabalho, devem comparecer hoje, pelas 21 horas, todos os delegados à Bolsa.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Denis» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará e Manaus e pelo paquete «Ardeola» para a Madeira, Las Palmas e por via do Funchal para a África Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência registada às 11 horas e das ordinárias às 13 para ambos os paquetes.

Coliseu dos Recreios

UM ELEFANTE ACROBATA
EQUILIBRISTA E DANSARIN

Dick é um colosso com habilidades de bonifate. Dança, faz pinos, faz o diabo a quatro, com o se pode ver no espectáculo desta noite em que também tomam parte todas as celebrações da Grande Companhia de Circo.

No domingo surpreendente «matinée»

A tragédia do Parque Eduardo VII

A mulher que pareceu nesse conflito foi assassinada cobardemente por três soldados da G. N. R.

O julgamento dos soldados da guarda republicana que no parque Eduardo VII, fizeram uma chacina de polícias para se desforrarem dum civico que matou um soldado, está decorrendo no meio duma grande indiferença, quasi não se dando por ele.

Os jornais têm dado das audiências realizadas uns extractos curtos, bastante apagados, como se se tratasse dum julgamento incidental banal, sem más consequências. E os jornais que assim têm noticiado os julgamentos são os mesmos que fizeram um alarido enorme em torno dos crimes da célebrima «Legião Vermelha».

Dissimos acima que pareceria tratar-se dum incidente banal. Realmente indo ali a Santa Clara e presenciando-se uma audiência tem-se a impressão de que não se trata dum acontecimento trágico. O juiz auditor não se desmancha, nem perde a serenidade, mantendo a insuportável monotonia com que o julgamento desde o primeiro dia vem decorrendo. A defesa não tem nem a subtilidade, nem a argúcia, nem a vivacidade que é de uso quando exercida por civis. Os oficiais que têm a seu cargo a defesa emaranham-se de preferência em coisas que, segundo, a todo o momento, o juiz auditor declarava, não interessavam à causa que se estava julgando.

Sobre os acusados não pesa o mesmo ambiente. Estão tranquilos, sossegados, não se lhes lendo nas suas fisionomias o menor receio. Nada, naquela calma sala do tribunal, invoca a tragédia desenrolada há um ano entre polícias e soldados. Os crimes da força pública não são os crimes dos civis...

Apareceu na audiência de ontem a depor o sr. Júlio Rodrigues, que era o marido da mulher que foi morta no Parque Eduardo VII, quando se deu o conflito. O sr. Júlio Rodrigues narrou a morte de sua mulher com grande sobriedade, mas de modo a constituir mais um depoimento esmagador da ferocidade da força pública:

«Tivemos de ficar dentro do quiosque. Antes de soarem os tiros deitámo-nos no chão e por milagre escapámos às balas que em grande quantidade entravam pelo quiosque e quebravam as garrafas. Quando o fogo cessou, minha mulher levantou-se e gritou, para três soldados que estavam a 50 metros de distância, que não disparassem contra o quiosque que os que lá estavam dentro nada tinham com o conflito. Eu secunde o pedido de minha mulher.

«Os soldados, em resposta, carregaram as armas e apontaram-nas. Ao ver os canos das espingardas incidindo na nossa direcção, dei-me ao chão e gritei a minha mulher que fizesse o mesmo. Ela—coitada!—na suposição de que os soldados não iriam praticar a barbaridade de a assassinar, continuou pedindo que não atirassem contra a nossa pobre barraca. Os soldados dispararam as espingardas sobre minha mulher e ela caiu varada, morta para dentro do quiosque. Que mal tinha ela feito?

O juiz auditor procurou inquirir se poderia ter havido qualquer erro; se as espingardas estavam apontadas para qualquer polícia que estava próximo. Mas diante das espingardas só havia a pobre mulher indefesa, que cobardemente assassinaram. Os soldados tiveram uma consciência tão nítida do seu crime que se puzeram logo em fuga, embora ninguém os perseguisse.

«É claro que este crime ficará impune e não causará ao tribunal preocupação de maior, tanto mais que se ignora o nome dos assassinos.

O outro incidente de importância foi a acaração da polícia 1273 com um cabo da guarda republicana que o acusou de ter morto o soldado 51 da G. N. R. e que foi o que originou o conflito. O cabo acusou o polícia com veemência, o polícia negou com energia. O incidente passou rapidamente porque o polícia está processado e vai também responder.

Os restantes depoimentos nada adiantaram, limitando-se ao repisar de pormenores que o tribunal estava cansado de ouvir.

Teatro Ginásio
Telef. C. 2814
Direcção artística de GIL FERREIRA

HOJE-VIDA E MORTE-HOJE

LINDA COMÉDIA EM 3 ACTOS em que

PALMIRA BASTOS
interpreta a protagonista.

Em papeis de destaque:
Gil Ferreira
Ofélia Brochado
Henrique Albuquerque
e Tarquínio Vieira

DOMINGO
2.º concerto sob a direcção do maestro Fão

O escândalo dos bancos e a lei do inquilinato

Na sede do Centro Socialista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão pública para tratar do caso do Banco Angola e Metrópole e da lei do inquilinato, usando da palavra os dres. sr. Ramada Curto e Amâncio de Alpoim.

Vacinação gratuita

Sob a Direcção dos dres. sr. Anacleto de Oliveira e Eugénio Lusitano Alvares da Silva, tem a «Cruz de Malta» o serviço montado na sua sede, Avenida Duque de Avila, 30, às segundas, quartas e sextas-feiras, pelas 15 horas, e no seu posto de socorros na Rua do Sol ao Rato, 57, às terças, quintas e sábados, pelas 21 horas.

Leia a revista gráfica **RENOVAÇÃO**

O escandaloso caso do Banco Angola e Metrópole

Prosseguem as investigações da polícia, mas os seus resultados são negativos

Continua insolúvel o intrincado caso em que estão envolvidos os bancos Angola e Metrópole e Portugal. A polícia prossegue nas investigações, mas os seus resultados são negativos. Até à data pouco se apurou. E aquilo que se conseguiu averiguar depois muito pouco em favor de altas individualidades, especialmente sobre os funcionários superiores do Banco de Portugal.

Noutro lugar fazemos a conveniente crítica a toda essa obra vergonhosa, deixando para este uma única função: a de informação.

Como o Banco de Portugal pretende promover o arresto de todos os bens do Angola e Metrópole e dos burlões, para ser indemnizados dos prejuízos sofridos com a burla, o governo português conseguiu que ficasse retidos até nova ordem e a responsabilidade do Banco emissor, os depósitos que o Angola e Metrópole tinha em vários estabelecimentos bancários estrangeiros, quer em seu nome quer no de alguns dos seus directores.

O dr. sr. Pinto de Magalhães continuou ontem, em reunião com os peritos ingleses, a examinar os documentos referentes às notas de 500 escudos, e a correspondência apreendida no correio, nos últimos dias, e que era dirigida ao Angola e Metrópole, a Alves Reis e a José dos Santos Bandeira.

Ao que se dizia ontem, incidem certas suspeitas da polícia sobre um funcionário de categoria do Banco de Portugal.

O dr. sr. Pinto de Magalhães também esteve a ouvir o sr. Pereira da Rosa e dr. sr. Trindade Coelho, sendo as suas declarações reduzidas a auto.

O agente Baldy Belém foi ontem a bordo do vapor «Meilila» onde vinham 20 caixas de cervejas consignadas a Alves dos Reis. Como a polícia tivesse a suspeita que se tratava de notas falsas, o referido agente acompanhado da polícia marítima verificou que de facto era cerveja o seu conteúdo.

A emissão total de notas monta a duzentos e noventa e cinco mil contos (295.000.000\$00). Bandeira e Alves dos Reis afirmaram que só foram postos a circular cem mil contos (100.000.000\$00). Será verdade? O custo da emissão foi de 4.353 libras.

O ministro de Venezuela, em cuja legação foi apreendida uma avultadíssima importância em notas de 500 escudos, e sobre o qual, como cúmplice, pesam as mais graves responsabilidades, participou ontem ao ministro dos estrangeiros a sua retirada de Portugal, dentro de poucos dias.

Teatro APOLO
Telefone N. 4123

Companhia BERTA BIVAR-ALVES CUNHA do que faz parte ADELINA ABRANCHES

Hoje e todas as noites

A TABERNA

Exito inigualado
Peça interessante e de empolgante entrecho

A questão de Mossul

GENEIRA, 17.—O conselho executivo da Sociedade das Nações deliberou, por unanimidade e em definitivo, considerar como fronteira entre a Turquia e o Irak a chamada linha provisória de Bruxelas.

Esta deliberação obriga o governo britânico a concluir dentro de seis meses um novo tratado com o Irak, assegurando aquela fronteira pelos 25 anos do seu mandato e garantindo a protecção das minorias kurdas.

O presidente do conselho da sociedade lamentou a ausência dos delegados turcos ao ser tomada deliberação definitiva sobre o problema de Mossul, tendo aqueles delegados dirigido uma carta ao mesmo presidente, reiterando a sua ponto de vista e declarando que a Turquia continuava defendendo os seus direitos de soberania sobre Mossul.

Os dres. Chamberlain e Amery apresentaram os seus agradecimentos ao conselho, bem como aos membros da comissão de inquirição, declarando que o governo inglês sempre tem protegido os interesses do povo do Irak, estando ainda disposto a conversar directamente com o governo turco, conforme os desejos do conselho da sociedade.

O sr. Chamberlain manifestou a esperança de que o Irak muito em breve se torne um estado independente e membro da Sociedade das Nações, cessando assim, e automaticamente, o mandato que à Grã-Bretanha foi conferido.

AGREMAÇÕES VARIAS

Grupo Solidariedade Operária.—Para resolver sobre a forma de comemorar o 9.º aniversário reúne hoje, pelas 21 horas a direcção com o corpo scenico.

Para a frente única?

PARIS, 17.—O conselheiro Doumergue recebeu ontem o sr. Tchichérine, comissário sovietico dos negocios estrangeiros, que se fez acompanhar pelo sr. Rakowski, novo embaixador em Paris.—L

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Teatro Apolo

«A taberna», em festa de Alves da Cunha

Velho reportório, velhos processos. «A taberna», drama adaptado à scena francesa do romance de Emilio Zola e traduzido para português por José Carlos dos Santos, só se pode aceitar hoje quando representada por um artista autêntico. Cremos que foi o velho actor Alvaro, que criou o principal papel em Portugal. Coube agora a vez a Alves da Cunha.

Artista inteligente, culto, o admirável intérprete das «Duas Causas» abalçou-se a fazer o protagonista de «A taberna».

Não se enganou consigo próprio. Alves da Cunha é hoje dentro do teatro nacional, uma figura de grande relevo que não pertence já aos bons nomes por isso que se vai ganhando mais alto, estando próximo de tocar a categoria das grandes figuras da scena. Alves da Cunha é um artista completo sem que lhe falte uma só das faculdades a exigir num actor de primeira grandeza.

Subiu depressa, conquistou num momento as plateias e a sua arte, legitimamente, ascendeu a uma posição invejável. O sucesso que está fazendo perante o público, exibindo peças só feitas por grandes actores, mostra exuberantemente quanto todos podemos esperar do seu belo talento. Ficamos sabendo de hoje em diante, que os papeis feitos por Alvaro, Joaquim de Almeida, António Pedro e outros poderão ser vantajosamente interpretados e que, não só esses, mas outros ainda de póla encontrão em Alves da Cunha um glorioso continuador da arte legada pelos nossos maiores artistas como foram os citados e outros como João Rosa, Santos Pittora, Ferreira da Silva, etc.

Vai, pois, para Alves da Cunha a minha mais ardente saudação pela sua interpretação de «A Taberna», em sua festa artística. O seu trabalho é o de um grande artista; está dito tudo!

O conjunto artístico da peça é bastante louvável. Adeline Abranches foi a artista correcta de sempre. Berta de Bivar, num pequeno papel, foi concisa, chamando bem a atenção para o seu trabalho. Maria Izabel interessantemente antipática como convinha ao papel que lhe foi distribuído.

Agradou-me a maneira correcta como interpretou a sua personagem o actor que vai buscar à taberna os seus companheiros, e cujo nome nos não ocorre neste momento. Perdêmo-nos o esquecimento.

António de Melo continua progredindo. Fez com propriedade o sinistro gangacheiro. Os outros artistas com acerto.

Sabia a direcção artística de Araújo Pereira.

Nogueira de BRITO

MARIO BONANÇA

Este conhecido critico teatral escreveu há dias uma carta ao empresário do teatro Politeama, sr. Luis Pereira, dizendo que, não podendo fazer face aos seus compromissos, ia suicidar-se.

Já são passados sete dias e não aparece, tudo levando a crer que se tratava pura e simplesmente de uma burla. Mario Bonança conseguiu apanhar a várias pessoas dinheiro que, segundo nos informam, deve atingir a quantia de setenta contos.

A carta deve ser, pois, uma finta para desorientar as pessoas que ficaram, algumas delas, completamente arruinadas.

A Associação dos Inquilinos perante o problema

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses, de harmonia com a nota officiosa publicada na *Batalha*, na última reunião de corpos gerentes, nomeou os senhores Isidoro Duarte, Manuel Barros, Luis A. Rozendo, Libério Cifuentes, Alexandre Vieira, Inácio Marques, Joaquim Cardoso, e dres. Orlando Marçal e António S. Ventura, estes dois últimos consultores jurídicos desta Associação, para entrevistarem hoje no Parlamento os *leaders* de todas as fracções politicas com assento nas duas Câmaras a fim de lhes solicitar a sua intervenção no sentido de ser reconhecido antes do fim do ano, como constitucional, o decreto 10.774 de 19 de Maio do corrente ano e bem assim que o art. 4 da lei 1662 seja esclarecido de maneira a evitar erradas interpretações.

Teatro Juvénia

Vai reabrir este interessante teatro de educação popular

Reabre dentro de alguns dias o teatro Juvénia, a interessante *bolte* da rua das Escolas Gerais, com uma recita dada pelos discípulos de Araújo Pereira, o insigne professor de teatro que à sua «Escola-Teatro» tem consagrado a devoção de um verdadeiro apóstolo da Arte.

Antes da lei que obriga todos os que se destinam ao teatro à frequência da Escola da Arte de Representar, já Araújo Pereira tinha feito representar em público os seus discípulos, que, sendo hoje artistas, de posse dos seus diplomas, ao abrigo da lei, nem por isso julgam poder prescindir das sábias lições do mestre, que continua cuidando com o maior carinho do aperfeiçoamento dos seus discípulos.

Na recita de abertura representar-se-ão dois originais portugueses: *Quem matou?* peça em 3 actos, de João Carlos Chaby, e a peça em 1 acto, género farça, *Um sério familiar*, do dr. Adolfo Lima.

A probidade artística com que os discípulos de Araújo Pereira representam, na passada época, entre outras peças *As Duas Irmãs*, de Gaston Dévère, é garantia segura de que as peças que vão agora representar merecerão os elogios da critica e o máximo interesse do público.

A situação operária na Rússia

No próximo domingo, o professor sr. César Porto, recentemente regressado da Rússia, realiza a 3.ª de série de conferências que se propoz efectuar sobre a república soviética. A próxima conferência versará sobre o tema «A situação operária na Rússia actual».

O desarmamento.

LONDRES, 17.—E' hoje lançado à água um novo «super-dreadnought», deslocando 35.000 toneladas e cujo custo se elevou a sete milhões de libras.

A nova unidade da marinha de guerra britânica será baptizada pela filha dos reis de Inglaterra.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Faro

Um incidente lamentável

FARO, 15.—Foi ontem encontrado prostrado e sem fala, entre Bologueme e Albufeira, no quilómetro 811, o limpador em serviço de fogueiro do Sul e Sueste José Nunes de Sousa. O infeliz foi conduzido no primeiro comboio para Faro, tendo falecido pouco depois de ali ter dado entrada.

O seu cadáver foi transportado para a sede da Delegação Ferroviária, que convidou todos os sindicatos operários a incorporarem-se no seu funeral que se efectuou hoje, cerca das 14 horas.

Os sindicatos operários recusaram o convite para se incorporarem no funeral por terem sido informados à última hora que ele era religioso. E' deveras para lamentar que estando a Delegação Ferroviária instalada na sede da U. S. O. a comissão administrativa desta não tivesse impedido a entrada nela a um padre. Este entrou lá livremente, de hábitos talares e fez todas as rezas da sua religião de embrutecimento e crime.

Todos os operários conscientes desta cidade estão justamente indignados com este facto.

N. R.—Da comissão administrativa da U. S. O. recebemos um officio em que ela declara a sua responsabilidade na entrada dum padre na sua sede, onde se encontra instalada a Delegação Ferroviária. A mesma comissão administrativa não pôde evitar que o padre atravessasse as salas da U. S. O. por ter tido conhecimento do acto religioso na ocasião do saimento fúnebre.

Portimão

Um mestre de obras desonesto e atrevido

PORTIMÃO, 15.—No dia 6 do corrente mês, fez o jornal *A Batalha* umas apreciações ao sr. José Diniz, acerca do seu procedimento como empregado e mestre de obras da Câmara Municipal desta localidade, apreciações estas que deu origem a que o almejado, duma maneira boçal despejasse as maiores injurias contra o signatário destas linhas como querendo que fosse o autor da local que fazia as referidas apreciações.

Não fui o autor da local, mas não tenho duvida em a tomar como verdadeira, tanto mais que os operários que trabalham nas obras da Câmara são os primeiros a confirmar a notícia que tanto irritou o sr. mestre de obras.

Porque não chama à responsabilidade o autor da notícia?

Não tenha receio. Mostre a coragem que diz possuir para fazer estampar cabeças nas paredes e não queira pedir responsabilidades ao pessoal que está sob o seu mando, ameaçando já de despedimento todos os organizados para mostrar ao autor da local, que quem manda na Câmara é ele. Isso é uma cobardia e o sr. fará isso se os organizados forem também cobardes...

Há já tempo que também o sr. Diniz que fosse eu o autor duma outra local na qual—se não estou em erro—se dizia que o sr. Diniz bebericava amudadas vezes pelas tabernas chegando à embriaguez... Confesso que não podia nem posso fazer uma afirmação de tal natureza porquanto nunca presencié tal.

Mas posso também eu afirmar que o autor dessa local não o tenha presenciado bem de perto? Não. Quando muito podia afirmar que muitas outras pessoas têm dito o mesmo, entre elas alguns seus amigos que com eles hombrêia. Mas o senhor que queria que eu fosse o autor da local e então, deve lembrar-se muito bem, que na cervejaria Estrela despejou contra mim a série de improperios, tendo-me até ameaçado duma forma grosseira e cobarde. Cobarde por não ser na minha presença, grosseira, talvez para mostrar quanto é honesto e delicado...

Para não ir mais longe ficarei hoje por aqui pedindo ao sr. Diniz que não esqueça o sapateiro que se chama:—Joaquim Duarte Valongo.

Messines

Uma verba para a escola primária

MESSINES, 16.—Causou satisfação a noticia de que na distribuição das verbas para edificio escolares, tinham cabido 10 contos para a conclusão da escola desta localidade. Embora a verba seja considerada insuficiente, no entanto já representa a possibilidade dum melhoramento por mais de uma vez reclamado pela organização operária local. Falta agora a colocação duma professora na escola de Amorosa, para extirpar o analfabetismo que ali campeia.

OS NIBELUNGOS

Transposição cinematográfica das lendas medievais do Reno que inspiraram a TETRALOGIA de Wagner

OBRA PRIMA DA MODERNA CINEMATOGRAFIA ALEMÃ

TODAS AS NOITES ÀS 9 HORAS NO

A projecção é acompanhada duma selecção de música clássica (Wagner) Mendelssohn, Beethoven, etc.) pela orquestra aumentada com órgão e metais sob a direcção de NICOLINO MILANO.

Completem o espectáculo uma ciné-farga de PAMPLINAS e uma revista de actualidades

TEATRO NACIONAL

HOJE—às 9 h 1/4 da noite

REPETE-SE O SENSACIONAL DRAMA

A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato e representada com sucesso mais de trezentas vezes

Protagonista Ester Leão

Encenação do professor ANTÓNIO PINHEIRO

Aljustrel

Rendimentos dos operários

ALJUSTREL, 16.—Cafu duma altura de 40 metros, num pogo, o operário mineiro Joaquim Graça, que teve morte instantânea. O desditoso operário era o único amparo de duas irmãs, uma das quais, a mais nova, é paralítica e a outra tem cerca de 14 anos.

Que farão os accionistas da companhia belga a estas duas crianças, que ficam na maior miséria?

Certamente deixá-las não ficar na miséria. Farão todas as diligencias para lhes não dar um único centavo. Não há ser mais repugnante do que o accionista, que sem fazer um esforço, recebe em sua casa o dividendo que representa o suor, o sangue e a miséria dos que trabalham. O accionista nunca desce à mina—nem mesmo por curiosidade.

Não conhece os que trabalham para ele, nem tem por eles a menor consideração. Que lhes importa que um mineiro morra se outro surge a substituí-lo e a exploração continua?

Um dia virá em que o accionista tomará conhecimento que aqueles que explora são homens. E quando o souber é possível que sinta duramente todas as infâmias que praticou e as pague duma só vez. E esse dia há-de chegar.

Peniche

Um industrial vigarista

PENICHE, 13.—Existe nesta vila um industrial de conservas que, além da ignóbil exploração que exerce sobre os seus assalariados, ainda os vigarisa negando-se a pagar-lhes os salários.

Esse senhor, de nome António da Silva Reis, tem há 2 anos ao seu serviço o nosso camarada Didaco Lopes, negando-se a pagar-lhe a bagatela de 4.093\$30 de salários em débito. São inúmeras as queixas contra este caloteiro que até já conseguiu vigarista a Câmara Municipal em perito de 5.000 escudos.

O nosso camarada Didaco Lopes entregou o seu caso ao tribunal dos Arbitros Avidores, devendo o julgamento efectuar-se no próximo dia 21. Como «crime de rico a lei o cobre» resta-nos ver se este biltre ainda ficará a rir-se.—C.

OS QUE MORREM

Alvaro Silvério Ferreira

Faleceu ontem na sua residência, rua da Lapa, 34 r/c. Alvaro Silvério Ferreira, tipógrafo da casa Henrique Torres, realizandose hoje o seu funeral pelas 14,30, da morada acima indicada para o cemitério da Ajuda

ACREDITA:

A traqueia, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são tão um inimigo poderoso

A NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO ESSENTIAL
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos
Superior a todas as similitudes nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DO SARMACIN SARMACIN
Praça dos Restauradores, 15 LISBOA

GOMES LEAL

Foi ontem inaugurado o monumento ao grande poeta

A entrada do cemitério do Alto de São João, inaugurou-se ontem o monumento que a Câmara Municipal mandou erigir ao poeta Gomes Leal, cujos restos mortais ali repousam.

Obra do escultor Francisco Santos, o mauoleu que encerra as cinzas do grande poeta das «Claridades do Sul» é duma singular e expressiva concepção, que honra o artista e dignifica a memória do poeta.

A cerimónia da inauguração, que se realizou pelas 14 horas, assistiram poucas pessoas. Alguns nomes representativos evocaram com saudade a memória do autor consagrado da «História de Jesus». Entre eles, os dres. Magalhães Lima, Costa Santos, La dislau Batalha e Humberto Pelágio.

OS NIBELUNGOS

Transposição cinematográfica das lendas medievais do Reno que inspiraram a TETRALOGIA de Wagner

OB

MARCO POSTAL

Sines. — Agente. — Recebemos liquidação. Vão seguir os números e o livro pedidos. Selaes. — Agente. — Recebemos liquidação. Siborro. — Associação dos Rurais. — Recebemos 20\$05. Assinatura paga até 18 do corrente. Vila Boim. — Manuel J. Rosado Cordeiro. — De facto houve engano nos recibos. Foi um recibo a mais da Renovação. E' como dizem na sua carta. Para a Associação dos Rurais, não foi recibo da Renovação, mas sim do Diário e Suplemento, de 12 de Agosto a 30 de Setembro, p. p. 14\$50. Vamos indagar de que falam. Podem enviar as importâncias em vale do correio ou carta registrada. Porto. — F. Tomé. — Recebemos 11\$00.

AGENDA CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	3	Aparece às 7,49
D.	13	20	27	4	Desaparece às 17,17
S.	14	21	28	5	
T.	15	22	29	6	
Q.	16	23	30	7	
Q.	17	24	31	8	

MARES DE HOJE

Pratamar às 4,29 e às 4,52
Baixamar às 9,59 e às 10,22

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid cheque		2\$79
Paris, cheque		\$72
Suiza, cheque		3\$79
Bruxelas cheque		8\$9
New-York, cheque		19\$60
Amsterdão, cheque		7\$90
Itália, cheque		\$79
Brasil, cheque		2\$82
Praga, cheque		\$50
Suécia, cheque		5\$26
Austria, cheque		2\$77
Berlim, cheque		4\$68

ESPECTÁCULOS

Nacional. — As 21. — A Severa.
São Carlos. — As 21.30. — O Príncipe João.
Politeama. — As 21.30. — Segredo de Vida.
Trindade. — As 21.35. — O Cló Clo.
Cinemas. — As 21.35. — Vida e Doçura.
Ipole. — As 21.35. — A Taberna.
São João. — As 21.35. — O Filho do Tojo.
Cine. — As 21.35. — O Pão de Ló.
Cine. — As 21.35. — Companhia de Cães.
Joaquim de Almeida. — Animatógrafo e variedades.
Santo Ivo. — As 9.45. — O Pirilho. — Animatógrafo e variedades.
Cine. — O Vilante. (4 Graças). — Espectáculos às 3.35.
3.35. — Abados e domingos com estratagemas.
Cine. — O Vilante. — Todas as noites. Concertos e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chado Terras — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE 4.416

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Sapataria Ideal Campolidense

de João da Costa Campos

Rua General Taborda, 9-B.
e Rua Gêze das Antas, 108

Esta casa recomenda-se pelos seus preços muito económicos e pela solidez do calçado que vende.

Pois fabrica tudo que vende, grandes descontos para revenda.

Visitem este estabelecimento e comparem as suas condições de venda, pedidos ao Telefone Norte 5.503

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA, do Conde Barão, Dúzia, \$40; 100, 2\$80 milheiro, 2\$90.

Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

FATOS completos e sobretudos

em bom cheiro com bons foros e bom acabamento, para homem, desde...
149\$00
Em oleado, castanho...
149\$00
Duas faces gabardine e oleado para vestir dos dois lados, cores, preto e bege...
245\$00
Duas faces para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã...
425\$00
Em gabardine preta de lã, padrão de oficial de marinha...
380\$00
Imitação de camurça e cabedal, modelo para automóvel...
480\$00
IMPERMEÍVEIS para senhoras com cinto e capuz...
139\$00
Em lã...
225\$00

Descontos para revenda

Para a provincia remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172
Rua do Amparo, 36

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Pagamento de coupons de obrigações privilegiadas do 1.º grau relativos ao ano de 1922

São avisados os portadores dos coupons das obrigações do 1.º grau desta Companhia, relativos ao ano de 1922, que o seu pagamento, líquido de impostos, se efectuará a partir do próximo dia 2 de janeiro de 1926. As importâncias a receber são:

Coupons n.º 57 e 58 das obrigações de 3% e 4% — Coupon de 3%, n.º 57, em Portugal, frs. 6,72; em França, frs. 6,72; coupon n.º 58, em Portugal, frs. 6,31; em França, 6,51. Coupon de 4%, n.º 57, em Portugal, frs. 8,96; em França, frs. 8,96; coupon n.º 58, em Portugal, frs. 8,37; em França, frs. 8,64.

Coupons n.º 54 e 55 das obrigações de 3% privilegiadas «Beira Baixa» e n.º 53 e 54 das obrigações de 4 1/2% — Coupon de 3%, B. B., n.º 54, frs. 7,50; n.º 55, frs. 6,55. Coupon de 4 1/2%, n.º 53, serie 1 a 8.504, frs. 11,25; serie 8.505 a 11.468, frs. 10,68. N.º 54, 1 a 8.504, frs. 9,82; serie a 8.505 a 11.468, frs. 9,25.

O pagamento dos coupons das obrigações de 3%, privilegiadas «Beira Baixa» e 4 1/2% de 1.º grau, somente se efectuam em Portugal, em escudos ao câmbio do dia ou em francos por cheque sobre Paris, à escolha do portador; em qualquer dos casos torna-se necessário que os seus portadores os façam acompanhar dum declaração cuja formula lhes será fornecida na sede da Companhia.

Os pagamentos em Lisboa, fazem-se na sede da Companhia, Estação do Rossio, todos os dias úteis, desde as 11 às 13 e das 14 às 15,30 horas.

Os pagamentos em França, são feitos pelos correspondentes da Companhia conforme os anúncios que serão publicados naquelle país.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Lisboa, 14 de Dezembro de 1925. — O Presidente do Conselho de Administração, Tomé de Barros Queiroz.

LUESAN

Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico adoptado por distintos clínicos

em venda nas principais farmácias

DEPÓSITOS:

No Porto
Farm. Dr. Moreno — Largo de S. Domingos, 42-44

Em Lisboa
F. Azevedo, Irmão & Veiga — R. do Mundo, 24-42

Farmácia Azevedo, Filhos — Rossio, 31-33

Pestana, Branco & Fernandes — R. dos Sapateiros, 39, 1.º

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkonof. Preço 1\$50.

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem succedâneos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tanssantes substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários que prejudicam a saúde.

Resultados garantidos para ambos os sexos. Numerosas confirmações individuais o atestam, assim como atestados médicos. Não confundir este produto com outros similares.

Envia-se occulto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

R. rendo no Agente e Depósito geral para Portugal e Colónias

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A VENDA SO NESTAS CASAS:
EM LISBOA: Farmácia MENDES BRAGA, 135, Rua do Mundo, 135. — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 218.
NO PORTO: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 31 de Janeiro, 203

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Galvanoplastia	18\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Navegação armada	25\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Educação	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplenagem e alicerces	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20\$00
Fogoeiro	16\$00
Formador e estuador	12\$00
Fundidor	13\$00
Piloteagem	16\$00
Indústria alimentar	12\$00
Indústria do vidro	12\$00

Elementos gerais

Algebra elemental	13\$00
Arithmetica pratica	15\$00
Desenho linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecanica	12\$00
Elementos de Modelação	12\$00
Elementos de Projectões	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricante de tecidos	13\$00

Mecânica

Torneio e Frazador mecânicos	15\$00
Desenho de máquinas	25\$00
Material agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00

Associação de Socorros Mútuos A UNIÃO

Sede — Rua de S. Bento, 11, 1.º — Lisboa

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral para a próxima segunda-feira, dia 21, pelas 20 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 29 a mesma hora. — Lisboa, 18 de Dezembro de 1925. — O Presidente, (a) António Baptista.

Associação de Socorros Mútuos «Garantia Portuguesa»

Sede — Rua de S. Bento, 11, 1.º — Lisboa

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral para a próxima segunda-feira, dia 21, pelas 20,30 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 29 a mesma hora. — Lisboa, 18 de Dezembro de 1925. — O Presidente, (a) Augusto Nascimento da Silva.

Associação de Socorros Mútuos «A Compensadora»

Sede — Rua de S. Bento, 11, 1.º — Lisboa

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral para a próxima segunda-feira, dia 21, pelas 21 horas.

ORDEM DOS TRABALHOS

Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Não reunindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 29 a mesma hora. — Lisboa, 18 de Dezembro de 1925. — O Presidente, (a) Alfredo Raposo.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	50\$00
Sapatos em verniz	50\$00
Botas pretas (grande salto)	40\$00
Botas brancas (salto)	50\$00
Grande salto de botas pretas	50\$00
Botas de couro para homem	40\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 22.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

LEILÃO

Em 18 do corrente, às 11 horas, na 5.ª Divisão dos Correios, rua de Santa Marta, 179, r/c, há leilão de encomendas em refugio, papel inútil para serviços, amostras etc. — 5.ª Divisão da Direcção dos Serviços de Exploração Postal, 15 de Dezembro de 1925. — O chefe da Divisão, Augusto Veras.

Suplemento semanal ilustrado de “A Batalha”

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Renovação

Revista grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1\$50

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem

quando lugar a que

estas limas sejam

consumidas em Portugal

as limas estrangeiras

que as limas nacionais

“Touro” da Em

Luís Tomé Pereira, Lda.

Realizam em preço

qualidade com as melhores

Experiência, pois, as

encontram a venda em

centenas de estabelecimentos

de toda a terra.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LIT. RATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã	16\$00
Alexandre Herculano — Lendas e Narrativas (2 volumes), Cartas (2 volumes)	20\$00
Adolfo Lima — Contrato do Trabalho, Educação e ensino	10\$00
Aquilino Ribeiro — Anatóle France, Estrada de São Tiago, Jardim das Tormentas, Via Sinuosa, As Filhas da Babilónia	3\$00
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados)	10\$00
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)	1\$00
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus	5\$00
Charles Darwin — Origem das espécies	14\$00
Campos Lima — O Estado e a evolução do Direito, O Amor e a Vida, Ceia dos Pobres, A Revolução em Portugal	12\$00
Buckner — O homem segundo a ciência	12\$00
Duarte Lopes — Frei Sanguê	5\$00
Eça de Queiroz — O crime do Padre Amaro, O primeiro Basílio, O Mandarim, Os Maias (2 vols.), A Reliquia, A Cidade e as Serras, Fradique Mendes, Casa Ramires, Prosas Bárbaras, Ecos de Paris, Cartas Familiares, Cartas de Inglaterra, Minas de Salomão, Notas Contemporâneas, Últimas páginas	18\$00
Ernesto Haeckel — História da Criação, Origem do Homem, Os enigmas do Universo, Monismo, Religião e evolução	20\$00
Faguet — Iniciação filosófica, Iniciação literária	5\$00
Faria de Vasconcelos — Problemas escolares, Por terras de além mar	5\$00
Ferreira de Castro — Sangue Negro, Sondas de Lirismo e de Amor, F. Castro e E. Farias — A Boca da Estigme	2\$50
Flamarion — Iniciação astronómica, Contos de luar, Como acabou o mundo?, Os habitantes dos outros mundos, Felix le Dantec — As influências ancestrais, Ateísmo	10\$00
Filho de Almeida — Lisboa Galante, Estâncias de Arte e Saúde, Figuras de destaque, Actores e Autores, Contos, A Esquina, Aves Migradoras, Barbear, Pentear, Cidade do Vício, Pasquinadas, Pais das Uvas, Saiba quantos, Vida errante, Vida irónica	10\$00
Guerra Junqueiro — A morte de D. João, Muta em férias, Os Simples, A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo), Brochado	10\$00
Gorki — Os Degenerados, Os vagabundos, Na Prisão, Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro), Jorge Teixeira — Galunhos de Luva Branca, A Escamalha (peças de teatro), Julião Quintinha — Vinhos do Mar, Cavaleiro do Sonho, Terras de Fogo, Maivert — Ciência e Religião	5\$00

Nogueira de Brito

1-Memórias de Angela Pinto

Piasant. — Iniciação matemática 5\$00 |

Oliveira Martins — Helenismo e a Civilização Cristã, História da Civilização Ibérica, História da República Romana (2 volumes) 15\$00 |

História de Portugal (2 vols.) 30\$00 |

Rac e Humanas (2 vols.) 30\$00 |

O Brasil e as Colónias Portuguesas 15\$00 |

Cartas Peninsulares 15\$00 |

Sistema dos meios e ficções religiosas 15\$00 |

Orlando Marçal — Aguas claras 6\$00 |

Imagens de Sôno 1\$00 |

Spencer — Da Educação (brq. 5\$00) encad. 8\$50 |

Raul Bândão — Os pescadores 10\$00 |

Os Pobres 10\$00 |

O Teatro 8\$00 |

Victor Hugo — França e Bélgica 20\$00 |

O Reno (2 vols.) 12\$00 |

Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados 40\$00 |

Zola — A Taberna 12\$00 |

Teresa Raquin 6\$00 |

Alegria de viver (2 vols.) 10\$00 |

A conquista de Piasantas, (2 vols.) 10\$00 |

Fecundidade 20\$00 |

A fortuna dos Rougons, (2 vols.) 10\$00 |

Uma página de amor 9\$00 |

Dr. Pascal 10\$00 |

Zargame — origem da vida 7\$00 |

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

— Organização Social Sindicalista 3\$00 |

Antonelli — A Rússia bolchevista 2\$00 |

Sr. Albert — O amor livre 5\$00 |

Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes) 10\$00 |

Emilio Bossi — Cristo nunca existiu 6\$00 |

Geo Williams — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou 1\$00 |

Gladiator — A questão social do Brasil 1\$50 |

Gustavo le Bon — As primeiras consequências da guerra 8\$00 |

Ensaios psicologicos da guerra europeia 8\$00 |

Leis psicologicas da evolução dos povos (enc.) 6\$00 |

A "necessidade" na Evolução das Instituições sociais

E' evidente que as instituições sociais, quaisquer que elas sejam — regime militar, igreja, magistratura, etc., — correspondem a necessidades do agregado social em vários estádios da civilização.

E' um facto, diz Le Bon, que em todos os povos, no princípio da civilização, as ideias, os sentimentos, as instituições, as crenças apresentam formas gerais de evolução idênticas. (1)

A família, que, no dizer de Büchner, constitui uma instituição essencialmente humana e destinada a exercer a mais benéfica influência no desenvolvimento e civilização da humanidade (2), não existiu desde sempre com a característica patriarcal geralmente conhecida.

As instituições humanas não nascem de acto, feitas e completas: passam por diferentes estádios, vão-se definindo, caracterizando, aperfeiçoando, consoante o progresso geral da humanidade.

Assim, a família não existiu na época em que a organização social era a *horda*; mas esta continha, de certo, os germes que, de futuro, haviam de produzi-la. E' na tribo que ela começa a esboçar-se.

Está provado, escreve Kropotkin, que a humanidade atravessou, em seus comços, uma fase (sob este ponto de vista) que pode ser descrita como *matrimónio comunal*, segundo a qual, na tribo, homens e mulheres eram comuns (3).

Mais tarde, quando o agregado social passou a organizar-se em clans, o matrimónio, posto que continuando comunal, já não se realizava entre homens e mulheres do mesmo clan; mas os homens de um clan ligavam-se às mulheres doutro clan.

Contudo, não se julgue que, podendo um homem casar-se com quaisquer mulheres de clan diferente do seu, ou vice-versa — e ainda mesmo quando o matrimónio comunal se efectuava dentro da tribo ou do clan — não se julgue que isso se fazia a esmo, e que uma legislação rudimentar, é certo, não impunha tais ou quais restrições a esse acto; restrições que o progressivo senso moral ia estabelecendo nos costumes até se definir o estado matrimonial na família separada existente, não obstante, com o consórcio comunal.

A vida campestre, modificando lentamente a psicologia das sociedades primitivas, garantindo, de cada vez, mais bem-estar em verdadeiro contraste com a vida precária da antiga horda, concorreu essencialmente para esta fase familiar se iam depurando, ao mesmo tempo, que se iam depurando o senso estético, o desejo de conhecer, a necessidade de investigar a razão dos fenómenos da natureza, a necessidade de moralizar os costumes e usos, de codificar, por assim dizer, uma moral progressivamente mais bela, a necessidade de satisfazer um ideal de justiça.

Estes esboços primitivos de aspirações vagas, a princípio, acentuaram-se depois, gradualmente, definiram-se melhor com a instituição da família patriarcal, sendo o pater-famílias quem reunia todos os poderes em sua mão: económico, familiar, moral, religioso, jurídico e político, ele era o chefe, ou o rei, o padre e o juiz. A propriedade individual foi também determinando-se, e assumiu, nesta altura, a característica que devia levar o sentimento de propriedade às condições modernas. O marido era o proprietário da mulher — consorte ou filha. — As palavras *pai e marido* foram durante muito tempo equivalentes a *propriedade* (4); e a propriedade era obtida, qualquer que fosse a causa possuída — terra, alimentos ou mulheres — pela violência, pelo roubo — pois que outra coisa não era nem a conquista — pela compra ou pela doação. (5)

A necessidade de se defenderem, de garantirem a posse da coisa roubada ou obtida por compra ou dádica, bem como a de atacarem rivais, a fim de lhes arrancar alimentos e outros bens, levou os homens a reconhecerem a autoridade de um só e a darem, portanto, os primeiros passos na instituição governamental. (6)

Criou-se assim a casta dos guerreiros, dos privilegiados, donde derivaram a aristocracia e o militarismo hierarquizado. Durante o mesmo período e a par e passo com as necessidades se foram firmando, multiplicando, aumentando de energia, se foram também esboçando, como disse, os germes das instituições artísticas, religiosas, morais, científicas, jurídicas e políticas; germes, claro é, que não apareceram todos ao mesmo tempo, mas que, desintegrando-se uns dos outros, se foram definindo progressivamente mais acentuados, até alcançarem a condição que hoje caracterizam as instituições que deles se desenvolveram. E, assim como a instituição militarista *correspondia a uma necessidade económica das primeiras épocas*, em que a vida se mantinha pelas expedições guerreiras, as *razias*, o assalto aos alimentos que o inimigo tinha; assim também as religiões correspondiam à necessidade que o homem teve de ser informado acerca dos fenómenos naturais. Essa necessidade, que a *princípio se satisfazia* com os conceitos da arte, *procurava maior satisfação* nos conceitos religiosos, antes de encontrar *mais completa* satisfação nas hipóteses e no positivismo científicos.

Neste estado psíquico da massa, engendra-se outra aspiração: a de pautar os costumes sociais, constituindo-se a organização respectiva com o nome de moral, ou melhor, procurando constituí-la, pois que, a princípio envolvida nas nebulosidades religiosas, a moral participava de todos os defeitos das religiões. Só agora é que principia a entrar no caminho da positividade, onde apenas os videntes da sociologia visionam a tendência verdadeiramente humana que a moral deve ter, a fim de se caminhar, a passos seguros, para a perfectibilidade da espécie. E é esta a moral que nos deve nortear em todos os nossos actos.

Exposta, desta forma, tão esquemática quanto me foi possível, a evolução das instituições sociais, e justificado simultaneamente o advento das classes guerreira, sacerdotal, da magistratura, etc., que

corresponderam, como vimos, às necessidades nascentes nos diversos estádios da civilização, é facto averiguado que, se as instituições respectivas a essas classes puderam satisfazer às exigências dos vários graus do progresso, este mesmo progresso, aperfeiçoando as concepções anteriormente feitas, e criando novas aspirações com pontos de vista distintos, torna incompatíveis com os ideais da actualidade muitos dos usos, costumes e leis que a ideologia e a psicologia das épocas anteriores estabeleceram.

E, assim, constata-se que o militarismo, a carreira militar, longe de ser útil hoje à colectividade, lhe é bastante prejudicial: visto como, não só a humanidade, no seu progressivo caminhar para maior perfeição, vai perdendo os instintos ferozes próprios das primeiras idades, mas também a classe guerreira, pelo facto de existir, arranca à sociedade valores que ficam sem compensação equivalente, pois que consome mais do que poderá dar-lhe, e que seguramente lhe não dará.

Basta ter-se em consideração que a classe militarista precisa, para manter-se: 1.º de absorver energias próprias, que poderão ser empregadas em coisas realmente úteis, e que, por esse facto, a sociedade deixou de aproveitar.

2.º de desviar dos trabalhos produtivos do campo, das oficinas ou das minas gente que fica impedida de produzir utilidades, para se embutir na vida da caserna, consumindo e não compensando.

3.º de aproveitar e desenvolver a laboração das desastrosas indústrias, da guerra que não existiriam — como tais, e se transformariam em indústrias pacíficas, produzindo a abundância, o bem-estar da colectividade, se a classe guerreira desaparecesse.

4.º de brutalizar, de desmoralizar os povos em que vive como escalacho, sugando-lhes toda a seiva, empobrecendo o corpo social, abastardando-o envenenando-o.

A casta militar pelas suas características de violência, em virtude do seu desprezo pela justiça e pela verdade, desdenha do povo e avilta esse povo, tirando-lhe o senso moral, incutindo-lhe instintos de feroz. E assim se impõe como casta ociosa, fruindo o que o povo produz e obrigatoriamente lhe fornece.

Semelhantemente se evidencia que as religiões reveladas tiveram a sua época, já não satisfazem à mentalidade de nossos dias, estão condenadas a sumirem-se nos arcanos da história. Por consequência, constituem um entrave ao progresso; e só pela velocidade adquirida ainda bracejam, dando, a si mesmas, a ilusão de vida...

Demais, a classe sacerdotal, muito afim da militarista, participa de todas as nocividades desta: é feroz como a guerreira. Recordem-se as guerras religiosas, os autos de fé, os suplicios da inquisição, etc.; é bestializadora das populações, imbecilizando-as com as cerimónias religiosas, com a doutrinação dos seus sermões absurdos, dos seus catecismos, da sua história sagrada falsificada ao sabor da época em que vive; é desmoralizadora com a sua casuística de jesuita, deturpando o espírito das massas a noção do justo e do injusto.

O padre — quanto mais ingénuo, quanto mais sincero, tanto mais nociva é a sua acção — ensina velharias, insensatas e ridículas, em completo contraste com a nossa era de aviões, de rádio, de telegrafia e telefonia sem fios, de geologia paleontológica, de arqueologia pre-histórica, de antropologia — velharias que Tito Lucrécio Caro consideraria absurdas e risíveis, se pudesse analisá-las, porquanto este poeta-filósofo revela, em seu poema, no canto IV (1) uma notável intuição, embora bastante ingénuo, de certas teorias, que, sobre os fenómenos do Universo; foram adoptadas séculos depois.

(Continua)
José Carlos de SOUSA
(Da revista de pedagogia e sociologia «Educação Social»)

(1) Tito Lucrécio Caro — «De rerum natura» — verso do dr. José Lima Leitão.

A questão Sindicato da C. P. e Federação Ferroviária

A propósito dumas afirmações produzidas por um delegado do Sindicato do Pessoal da C. P., numa sessão ultimamente realizada em Gaia, consideradas desproporcionadas para a União Ferroviária do Porto, enviamos este organismo, com pedido de publicação, o seguinte officio que vem de ser enviado à comissão administrativa do Sindicato Ferroviário da C. P.:

Porto, 15 de Dezembro de 1925. — Presença das camaradas membros da comissão administrativa do Sindicato dos Ferroviários da C. P., Lisboa: — Pelos delegados deste Sindicato ao Conselho Federal e que foram, como representantes deste e do Conselho, assistir a uma sessão que se efectuou na Delegação desse, em Gaia, foi-nos comunicado que um delegado do vosso Sindicato, o camarada Florido, tinha feito insinuações que brigam com a dignidade deste organismo, por este ter publicado uma «nota officiosa» por determinação duma assembleia geral da classe, referente ao vosso procedimento para com a Federação Ferroviária, lançando a dúvida de que tal procedimento partisse das assembleias, os nossos delegados convidaram o delegado do vosso Sindicato a fazer as mesmas considerações no Sindicato do Minho e Douro, na primeira assembleia geral que se realizasse a fim de poder constatar qual a attitude assumida e a solidariedade manifestada em prol da Federação Ferroviária. Essa assembleia geral realizar-se há no próximo dia 17, pelas 20 horas, pelo que tomamos a liberdade de vo-lo comunicar a fim de que os vossos delegados compareçam. Esperamos que não olvidareis o nosso convite, vos enviamos as nossas saudações. A comissão administrativa da União Ferroviária.

Leide o Suplemento de «A Batalha»

Almanaque de «A BATALHA» para 1926

E' posto na próxima semana á venda o Almanaque de «A Batalha» para 1926 que contém: o calendário para 1926 e o resumo dos calendários de 1925-1927; referentemente a cada um dos 12 meses do ano fornece copiosas e úteis instruções sobre o tempo, fases do sol e da lua, o que há e o que se deve comer, as doenças próprias da época, seu tratamento e práticas higiénicas, o que há a fazer nos campos, nos pomares, nas hortas, nos jardins e nos galinheiros, etc., um calendário para os anos de 1900 a 1930 que serve de curioso passatempo; um esplêndido artigo de Alexandre Vieira contendo importantes subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal desde 1908 a 1919; uma desenvolvida resenha dos factos mais importantes ocorridos de fevereiro de 1919 a junho de 1925, com abundante documentação gráfica: notas, inéditas muitas delas, sobre os seguintes militantes e propagandistas mortos: Neno Vasco, António José de Avila, José Lopes, António Mourão, Guilherme Lima, José Cebola, Joaquim da Silva, Miguel Cordoba, Francisco Cristo, António Manacas e Virgílio Santos; legislação sobre acidentes no trabalho, árbitros avdores, inquilinato e regulamentação do trabalho; relação de 400 associações operárias e dos jornais operários, sociais e corporativos existentes no país. Isto além de anedotas, pensamentos, curiosidades históricas e científicas e de várias indicações úteis como: tabela das marés, impostos do selo, portes do correio, etc., etc.

O Almanaque de A Batalha para 1926 forma um volume de 176 páginas, recheado de 50 gravuras, e com uma capa a cores de bonito efeito, e o seu preço é de cinco escudos apenas.

A Internacional de Amsterdão recusa por maioria de votos a admissão dos sindicatos filiados na Internacional de Moscúvia

Acendeu-se a rivalidade entre as potências socialistas de Amsterdão e de Moscúvia. Como se sabe, a I. S. V. procura conseguir da Internacional de Amsterdão a sua concordância em aceitar a adesão que lhe votem os sindicatos nela filiados. A par d'este objectivo, a I. S. V. pretendia também estabelecer tão apertadas relações com a sua rival que pudessem conduzir a uma completa fusão.

Mas a Internacional de Amsterdão resistiu a estes intentos, começando por exigir que os sindicatos da I. S. V., no caso de se aceitar a sua admissão, acetassem consequentemente os seus estatutos. Não se conformando, a I. S. V. propôs a reunião duma conferência especial para se debater este assunto. Esta proposta foi agora definitivamente rejeitada pelo conselho geral da F. S. I. por 14 votos contra 7 que a aprovaram.

A decisão do conselho causou excitação entre os comunistas, que a tem criticado asperamente. Supõe-se que a recusa visou especialmente os sindicatos russos.

No decurso de uma entrevista, Oudegeest deixa transparecer o intento de a Internacional de Amsterdão repudiar os sindicatos russos. Oudegeest declarou mais que se tornava impossível à Internacional de Amsterdão sair das suas regras, antes de se modificar a resolução tomada em Viena, o que só se poderá fazer no congresso internacional que se reunirá em 1927.

Se a Internacional Vermelha desistir do seu programa de destruição da F. S. I., disse Oudegeest — será, então, possível que a nossa attitude se modifique.

A divergência está em se decidir qual das duas internacionais deve ser absorvida e anulada: quer dizer que as duas potências socialistas lutam, uma contra a outra, pela existência official.

Os dirigentes trabalhistas da F. S. I. mantêm-se reservados acerca das possíveis consequências da resolução do conselho geral. Entretanto, os militantes comunistas protestam contra a resolução, atribuindo-a a influências burguesas.

Por iniciativa dos militantes ingleses, reuniu-se em Berlim uma conferência sindical para discussão do problema da unidade sindical dos sindicatos aderentes às duas internacionais.

Esta conferência de delegados ingleses e russos durou dois dias, e apreciou a situação criada pelo voto decidido no conselho geral de Amsterdão. Dizia-se que este voto colocava as Trade-Unions na alternativa, imposta pelos seus congressos, de se esforçar na convocação de um congresso que soubesse realizar a unidade sindical internacional e usar da sua influência para servir de mediador entre as duas internacionais.

Enfim, a conferência anglo-russa de Berlim decidiu, por unanimidade, que a resolução do conselho geral reflecte apenas o critério dos chefes, nunca das massas filiadas, pelo que a conferência internacional pró-unidade sindical será convocada. A conferência anglo-russa considerou que as duas internacionais devem seguir uma tactica inteiramente moderada, a fim de conseguir a unidade sindical.

Estas decisões, que foram sancionadas pelos «leaders» trabalhistas ingleses, causaram o desagrado dos chefes reformistas da F. S. I. A luta vai, pois, prosseguir entre as internacionais de Amsterdão e de Moscúvia. De um lado, coloca-se uma força brutal em numero e bem organizada, sempre vitoriosamente resistindo a inúmeros e violentos ataques.

Do lado oposto, firma-se uma outra força, muito inferior em numero, muito mais aguerida. Nesta luta entre duas potências, não sabemos quem vencerá, se o mais forte, se o mais belicoso. Pelo que o mais sensato será esperar o desfecho...

Biblioteca dos mineiros de São Domingos
A Associação dos Operários da Indústria Mineira de São Domingos pede aos camaradas e amigos que desejem oferecer livros destinados a esta biblioteca para os entregarem na administração de «A Batalha», a fim de facilitar o seu envio para aquele organismo junto com outros que já estão depositados.

As mazelas do desporto burguês

Várias vezes temos apelado para a mocidade trabalhadora exortando-a a que se afaste quanto possa dos clubes desportivos que para ali vemos e que olham mais pela abundância dos seus cofres do que pela saúde daqueles que grotescamente se exibem para engrossar os seus capitais.

E se bem que nos julgamos dentro da razão fazendo este apelo, precisamos de acumular provas das estupidezes com que o sport é exercido entre nós, para que a mocidade nos leia e embora lentamente se vá apercebendo do caminho errado a por onde segue. Não é demais divulgar portanto o caso que um jornal do Norte relata num dos seus números de há dias. Os Bombeiros Voluntários do Porto, instituição que não vive à custa do Estado, (porque é útil) mas sim a custa dos seus associados e da generosidade do publico, organizou uma festa em benefício dos seus combalidos capitais. Muita gente contribuiu para a referida festa e disso não cobrou mais do que os agradecimentos a que os bombeiros se julgaram obrigados. Mas... o futebol entrou também no programa e julgamos que era até um dos números para que se dirigiam mais atenções, graças ao vicio já tão entranhado no nosso meio tão susceptível de viciar-se em tudo o que é mau.

Combinaram os bombeiros a data e lugar do desafio e dois clubes foram chamados a colaborar na obra altruista. Pois... graças a «mens sana» dos desportistas do Norte, um dos clubes recusou-se a jogar desde que nos seus cofres não entrasse a quantia de três mil escudos, a quanto montava a «paga» dos serviços que os seus desportistas iam prestar. Isto é fantásticamente repelente, mas é usualmente admitido. Toda a gente que frequenta os campos de futebol sabe que o clube tal leva tanto pela sua deslocação, que est'outro exige hotéis de primeira para os seus jogadores, que todos ou quasi todos procuram exhibir não atletas completos que sirvam de incitamento à prática dos exercícos físicos mas homens que trabalhem para a satisfação dos baixos desejos da carne, essa fera que a custo se mantém nas bancadas excitada pelas bárbaras attitudes dos seus predilectos, a quem estimula com conselhos tantas vezes infamissimos como o costumado — marca-me esse homem — e outros ainda mais ou menos abjectos.

Faltou-se há dias na criação de um clube de profissionais e a imprensa desportiva não achou nisso tema para purificar, com bons conselhos, aqueles que da prática do futebol não querem tirar mais do que a saúde do seu corpo. Pois bem! Diante de mais este atentado à razão de ser dos exercícos físicos, nós não hesitamos em nos cingirmos à mocidade trabalhadora, aconselhando-a a que organize dentro dos seus sindicatos as «secções de saúde», onde lhe sejam ministrados por camaradas competentes, auxiliados por médicos que de boa vontade se prestem a essa bela obra de regeneração humana, os conhecimentos necessários para conseguir a saúde do corpo sem que estupidamente se lancem uns contra os outros em combates que o século actual já não tolera e que as classes trabalhadoras devem repudiar em absoluto!

EGO
Na Carpintaria Mecânica Portuguesa
Uma manobra para baixar os salários
Já por várias vezes aqui nos temos referido à exploração que a Carpintaria Mecânica Portuguesa, do Rato, exerce sobre os seus assalariados. Manda a razão que se diga que em parte tem culpa aqueles operários que se sujeitam aos caprichos dos seus amos que da sua situação nada se compadecem.

Pois, naquela fábrica — presentemente e quando cá fora se luta para manter os salários compatíveis com o elevado custo da vida, tendo o S. U. do Mobilário resolvido assegurar o salário mínimo de 22500 — os operários da secção de marcenaria sujeitam-se a auferir um salário de 21500, a pesar de poderem considerar-se dos melhores profissionais da industria. Como se isto não bastara, aquela empresa busca descer mais ainda os salários, usando do já muito conhecido processo de despedir parte do pessoal na esperança de o substituir por operários de menor salário.

Na passada terça-feira, alegando falta de trabalho, foram suspensos (?) 8 operários. Informam-nos, porém, que não há falta de trabalho, visto que nas máquinas aquela Empresa tem grande porção de madeiras já serradas e aparelhadas destinadas a satisfazer uma encomenda duma casa inglesa. Alega-se a lentidão dessas madeiras; mas, o que é certo, é que nunca com a madeira em melhor estado ali se construiram mobílias.

Os 8 referidos operários encontram-se, portanto, na rua. Suspenso? Até quando? Isso não dizem os industriais da Mecânica; porque bem sabem que se fossem francos e tivessem dado ordem de despedimento, teriam que pagar aos despedidos — que outra situação não é a daqueles operários — a indemnização que a lei estipula.

Os restantes operários que ficaram naquela casa, e que não souberam evitar os despedimentos dos seus 8 camaradas, devem acatela-se porque também estão em risco. Informados de que na sua maioria não são sindicados, não deixaremos, contudo, de lhes lembrar a conveniência de acorrerem imediatamente ao seu sindicato, a avistar-se com a comissão de resistência, a fim de não só evitarem mais despedimentos como elevarem os seus salários até ao mínimo estabelecido pela sua classe.

Soma e segue...

Queixou-se nesta redacção António Alvaro, fogueiro marítimo, de que anteontem à noite foi, sem motivo justificado, brutalmente agredido pelo guarda 1841, da 29.ª esquadra.

A policia vai aumentando o rol das suas vítimas

VIDA SINDICAL

C. S. T. Conselho de Delegados

Reúne hoje extraordinariamente e a convite da Comissão pró-regresso dos despedidos, a fim de se ocupar dum assunto que se prende com a manifestação a realizar na próxima segunda-feira.

Como se torna necessário assumir responsabilidades, os delegados que faltarem, deixam os seus sindicatos ligados ao caminho que se resolve seguir.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Reuniu anteontem a comissão administrativa, tendo dado despacho a diverso expediente e apreciado officios que pela sua importância resolveu fazer baixar ao Conselho Federal.

Foi dada posse ao camarada Armando Duarte que tinha sido nomeado pelo Conselho para ocupar o cargo vago de secretário arquívista.

Por último foi resolvido comunicar aos sindicatos aderentes que para o futuro ano, os selos-cotas são de cor diferentes aos usados actualmente e neste sentido os sindicatos devem fazer as suas requisições em conformidade com o acima exposto, accitando a Federação a troca dos selos-cotas que lhes sobrem do corrente ano.

As futuras cadernetas servem para o ano de 1926 e 1927 e attendendo ao facto de serem fornecidas pela C. G. T. por um preço mais elevado, e tendo esta Federação que fazer face ao despacho, franquias postais e outros encargos, foi resolvido fornecê-las aos Sindicatos ao preço de \$55 cada.

S. U. Mobilário. — Reuniu a comissão de resistência com a presença do pessoal da casa Couto. Pela exposição feita não se provou que ali se fizessem horas suplementares, visto o relógio andar atrasado. Ficou porém assente que se procure entrar à hora certa a fim de evitar mal-entendidos.

Uma comissão de *démarches* irá hoje entrevistar este industrial, a fim de se conseguir ali o estabelecimento do salário mínimo.

Pessoal de Cámaras da Navegação de Longo Curso. — Reuniu anteontem esta classe em assembleia geral: primeiramente foi apreciado um relatório apresentado pelo escritório do sindicato, no qual descrevia a acção desenvolvida durante a ocupação do seu lugar e os motivos que o levaram a pedir a sua demissão; sofreu calorosa discussão por parte dos dispensores, pelo facto de no referido relatório haver afirmações de alta importância, tais como: de que esses elementos pretendem apossar-se do sindicato para lhe demarcar uma nova directriz conservadora e que o orientador dessas manobras jesuíticas é um tal Mafra, ex-policia da segurança do estado no período Dezembroista.

Como a discussão se prolongasse, foi enviada para a mesa uma moção de ordem que dava o assunto por discutido e aprovado o relatório. Aprovado por uma maioria esmagadora, então os dispensores vendo que os seus adeptos eram em numero reduzido, abandonaram a sala em sinal de protesto.

Foi aprovada uma moção em que a classe dá plenos poderes à Comissão Administrativa para nomear os dispensores que achar conveniente para bom funcionamento do sindicato, acabando assim com o monopólio existente que não permitia a nomeação de outros.

A assembleia nomeou os camaradas: Manuel Cardoso, José Costal e António Marques, para a comissão revisora de contas

O que pensa o sr. Ford acerca dos salários

O sr. Ford, grande industrial de automóveis, que enriqueceu com uma grande velocidade, acaba de publicar um livro que se intitula «Minha vida e minha obra». As opiniões contidas neste livro têm sido vivamente debatidas, especialmente, nos Estados Unidos e em Paris, onde o seu autor possui grandes fábricas.

A vida do sr. Ford tem sido uma longa corrida nas estradas da politica e dos negócios. Proclamou-se socialista e berrou o seu amor ao operariado e, depois subsidiou o fascismo na Norte-América, ao mesmo tempo que se dizia pacifista e se fazia partidário da intervenção americana na Europa.

É acerca de todas as cousas do mundo, as opiniões do sr. Ford devem ser tão numerosas como os seus automóveis. Ora, o grande industrial também emitiu a sua opinião interessando a questão dos salários.

No seu livro, o industrial americano manifesta-se contra as premeditações ou realizações reduções de salários. Ele entende ser preterível diminuir os dividendos a reduzir os salários. Esta opinião não deve causar estranhese, posto que o sr. Ford sempre teve o cuidado de pagar «bem» aos seus operários, oferecendo-lhes depois a compra de um automóvel. O sr. Ford quer os seus operários não bem pagos que lhe possam comprar automóveis, e presta-se a vender tão baratos os seus automóveis que os possam comprar os operários de todo o mundo. Desta habilidade, quer o sr. Ford todos os proventos, ainda que sejam diminuídos os dividendos. Um programa financeiro que não amealharia o radicalismo do sr. Pestana Júnior...

O sr. Ford diz no seu livro: «De um grande industrial não depende tornar elevados a máxima quantia os salários dos trabalhadores. Aqueles que não lhes possam pagar, que os ganhem os operários, cujo trabalho é o factor da produção».

Quere dizer o sr. Ford que os accionistas não são produtores, nenhuma compensação tendo, pois, a exigir, que, sendo os operários o factor da produção, sobre os seus salários devem recair primeiramente os dividendos do capital. O optimismo industrial do sr. Ford descobriu esta máxima: «Nunca se poderá organizar um sistema que consiga abolir a colaboração do trabalhador».

Sobre a regulação automática dos salários, diz o sr. Ford: «Se nós pretendemos colocar os salários em paralelo com o custo da vida, não conseguiremos. O custo da vida é uma consequência, e não devemos esperar a fixação

do corrente ano e aprovou um novo regulamento para o Pessoal de Cámaras a bordo dos navios.

S. U. da Construção Civil. — Reuniu a Comissão Administrativa, resolvendo entre outros assuntos convocar a assembleia geral para o próximo dia 21, a fim de serem nomeados os novos corpos gerentes para 1926. Apreciou também uma circular das Juventudes Sindicalistas, resolvendo auxiliá-las moral e materialmente na efectivação do seu próximo Congresso.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Mobiliária. — Conselho Federal. — Às 20,30 horas com a seguinte ordem dos trabalhos: Nomeação de um delegado à C. G. T.; Apreciação de relatórios do delegado ao Congresso Confederal e da comissão que se ocupa do trabalho nas prisões; Resolver sobre o expediente confederal para o futuro ano; Apreciação da situação da organização mobiliária.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Às 21 horas, a comissão administrativa.

Federação Vinícola. — A comissão administrativa, pelas 20 horas, para apreciar o relatório da delegação que foi ao norte.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — O Conselho Federal pelas 18,30 horas, em continuação dos trabalhos suspensos na reunião de terça-feira.

S. U. da Construção Civil. — Para assunção de urgência que se prendem com as resoluções da última assembleia geral, pelas 20 horas, o conselho administrativo, as comissões administrativas das secções profissionais e sindicais e os delegados do conselho de secções.

— Pelas 20 horas, o conselho de delegados.

Secção dos Carpinteiros. — A assembleia geral, pelas 20 horas, para receber contas da comissão pró-bandeira, nomeação dos corpos gerentes para 1926 e de delegados para os tribunais dos Arbitros. Avindores e Acidentes de Trabalho e outros assuntos importantes.

S. U. Metalúrgico. — Secção de Belém. — Deve comparecer o secretário administrativo, pelas 19,30 horas, a fim de rever as contas da gerência transacta.

S. U. Mobilário. — Às 20,30 horas, a comissão de resistência com a presença de todo o pessoal da Marcenaria Progresso da Rua da Bempostinha.

Pintores da Construção Naval. — Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assuntos de grande importância.

Operários Municipais. — Pelas 20 horas, as comissões de inquérito e Caixa de Solidariedade.

DIAS PRÓXIMOS:

Manufactureiros de Calçado. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, para se ocupar da baixa de salários.

S. U. do Mobilário. — Para assunto importante e inadiável reúne amanhã, pelas 21 horas, os corpos gerentes actuais com todos os camaradas que tenham exercido cargos no Sindicato.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secção do Alto do Pina. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão reorganizadora, sendo necessária a comparencia de todos os seus membros.

Secção Mobilária. — Reuniu ontem a assembleia geral resolvendo diversos assuntos de organização, sendo nomeado o secretário seccional.

de uma consequência desde que nós alteramos necessariamente os factores da consequência. Ao esforcarmos-nos no paralelo dos salários com o custo da vida, semelharmos-nos ao cão que persegue o próprio rabo. O que deve servir de base para o cálculo é o género de vida seguido pelo homem».

Eis um critério verdadeiramente socialista. O operário deve jantar na taberna e o capitalista no restaurante. Só esta circunstancia faz divergir os proventos de cada homem. O sr. Ford não poderia ter outra conclusão, mais lógica e mais racional. Dizem-nos até que as opiniões do sr. Ford se vão tornar programa politico do sr. Amâncio de Alpoim, deputado socialista pela Caixa Geral dos Depósitos...

SOLIDARIEDADE

Pro-Casimiro Firmino

E' já no próximo dia 9 de Janeiro que se realiza a festa em benefício deste camarada, que se encontra hospitalizado no hospital do Régio. A comissão novamente apela para que todos os camaradas que possuem bilhetes, os liquidem o mais breve possível, para que a comissão leve a bom termo a sua missão.

Realiza-se no dia 3 do próximo mês de Janeiro, no salão da Construção Civil, uma festa de auxilio ao operário pedreiro José dos Santos que há muito se encontra impossibilitado de angariar meios de subsistência, para si e para sua família. Do programa da festa consta o drama social «O Consciente». Toda a correspondência deve ser dirigida a Jorge Mateus, travessa de Paulo da Gama, 6, Belém.

Ecos da greve corticeira

ALDEGUEIRA, 16. — Reuniu os corticeiros desta localidade para apreciar a resposta do industrial Mundet, que persiste em não readmitir o seu antigo pessoal, que aderiu à última greve da classe. Foi verberado o incorrecto procedimento do referido industrial, ficando assente ir até onde for necessário, para que a estes camaradas seja feita justiça. Ficou resolvido que cada operário corticeiro nesta localidade se coteie com \$500 por semana em auxilio dos ditos camaradas, esperando que o resto da classe siga o mesmo exemplo.

Lá como cá

ROMA, 17. — Em consequência do desmoroamento dum edificio em construção em Potenza, ficaram mortos 7 operários e igual numero em estado grave.

(1) Gustave Le Bon — «Les Premières Civilisations».

(2) Luis Büchner — «Lugar del Hombre en la Naturaleza».

(3) P. Kropotkin — «L'Entr'aide». Veja-se também: Lubbock — «A origem da família» (Trad. de T. Bastos).

(4) Gustave Le Bon — ob. cit.

(5) Ibidem.

(6) Ibidem.